

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDUARD LEUENHOTH

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

EM BAURU'

Um repto aceito e... recusado

E' verdadeiramente
certa a personalidade historica
de Jesus?

Não. Cristo nunca existiu.
Os pretensos sábios em exegese,
que abundam por toda a parte,
e o profundo e mudo apologeta
de Bauru, sorrindo, superiores,
ao lêr o nosso herético aserto:
nas suas mentes privilejadas,
radiosamente iluminadas pela
inspiração divina, perpassarão,
como a que esmagarem o que tfo
ousadamente afirmamos, títulos
de obras eruditissimas, todas
tendentes a exaltarem esse mito
que se chama o Cristo, e certamente
tais sábios se prepararam para
socorrer-se desses monumentos
de erudição, tresandando ao
baixo secular de bibliotecas
majestosas, para contraditarem
o descarado pluriativo que assevera
que o seu deus nunca existiu
neste ou em outro qualquer mundo.

Não nos fazem móssa autoridades
reconhecidas que pomposamente
asseguram a existência de Jesus.
Expomos, sem pretenções, o
que convictamente aceitamos como
uma verdade indestructivel e não
recamos por a prova os motivos
que nos levam a assim pensar.

Bem sabemos que podem trazer,
como um formal desmentido às
nossas idéias, tradições veneráveis,
nomes illustres, gerações fulgurantissimas
que não trepidaram em ajoelhar-lhe
uns, descobrir-se respeitosos outros,
ante a figura resplendente do doce
e colérico rabi da Galileia. Pouco
importa. Animados, neste debate,
a moral que se depreende da famosa
e hilariante fabula de Andersen,
tfo ironicamente aproveitada pelo
saudosos Ramalho das Farpas.
Afirmavam, convictos, os cortejos
que o raiol pélo do seu monarca
se achava envolto por um subtil
tecido tão tenue que só poderia
ser dividido por clarividentes espiritos
elevados capazes de lhe perceberem
a sua altissima transcendência.
E todos viam o régio tecido,
curvando-se em louvores pródigos
à sabia confecção do artista privilegiado.
E quando o rei, tiritando de frio,
passava pela cidade seguido pelos
aullicos refulgentes,—do alto de
uma arvore um garoto irreverente
grita num falso gaio: —o Rei
está nu! E o gavroche dissera
apenas, numa encantadora graça,
a simples verdade!

Aos que devisam no Nazareno
o régio manto como simbolo de
uma pretensa missão divina e
humana sobre a terra, responderemos
com o independente brado chistoso
do travesso trepado na arvore,
tendo simplesmente a guiar-nos a
imacula inocência da Verdade purissima.

Em nosso último artigo pretendemos
evidenciar, ainda que frouxamente,
pois não era essa então a nossa
meta, quão difficil é encontrarem-se
fontes historicas que autorizem a
demonstrar, de maneira irreductivel,
a existência humana de Jesus.
O máis eminente dos cristologos
contemporâneos, Renan, confessou
com um sentimento tão elevado,
que bem evidencia a máguca com
que o douto autor da 'Vie de Jesus'
lealmente expôs as difficuldades
insuperaveis que se lhe depa-
teram quando pretendeu firmar,

historicamente, a existência do
personagem que ideára.

E, como não ser assim, se as
lendas que cercam o Cristo são
meras repetições de factos
atribuidos a outros deuses redentores?

Não se sabe ao certo em que
dia Jesus nasceu e em que ano,
assim como se ignora o que
teria feito no decorrer dos trinta
anos, segundo os evangelhos,
que precederam o seu ministerio.
Sabe-se que nasceu de uma virgem,
que foi gerado por obra e graça
do santo espirito, e que a sua
progenitora ficou sempre virgem.

Para um espirito emancipado,
que procure ser justo, recto e leal,
que tenha comezinhas principios
de instrução, tais lendas não
podem ter valor historico. E, se
scientificamente isto não se
pode aceitar, qual a sua origem?

E' facil a resposta. Cristo é
um mito plagiado de outros.

Krischna, Mitra, Buda e até
o divino Platão foram assim
gerados duma forma miraculosa.
Krischna, o redentor indiano,
nasce de uma virgem, Devanaguy,
e a sua vinda é predita nos
livros sagrados indianos, como
acontece com Jesus, cuja missão
na terra era, como dizem os
evangelistas, apenas em cumprimento
do que as Escrituras profetizaram.

Buda, que tem hoje sectarios
em muito maior numero de que
Cristo possui, também vem ao
mundo, por processos que escapam
às leis naturais, pois um deus
que se preza não pode ser gerado
da forma inferior por que o são
os rasteiros homens. Çakia-Muni,
o famoso principe, nasce de uma
virgem, que se chamava Maia,
3500 anos antes da época que
se convencionou fixar para o
aparecimento de Jesus.

Mitra, gerado por uma virgem
que o fica também depois do
parto, nasce numa gruta, precisamente
a 25 de dezembro.

Bastava a singularidade de serem
identicas as condições por que
vêm à terra os deuses redentores,
para que não aceitásemos, mesmo
tomando a existência de Cristo
pelo lado subjectivo, segundo o
genial invento dos subtile historiadores
teologos, para que não aceitásemos,
como verídicas, as poeticas
narrativas do nascimento do
Nazareno. E tanto mais somos
levados a repudiar tais contos
que nos pretendem impingir,
quanto é certo que nenhum
historiador, fóra dos evangelhos,
descreve o nascimento do Cristo.
E as maravilhas que se operaram
eram bem dignas de registro.

Os céus abrem-se e sobre as
nuvens descem fulgurantes
falanges de luzidos querubins
a anunciar, em cantos melódicos,
o nascimento do Messias. Lá
no alto, uma estrela galante-
mente se desloca e põe-se a
caminhar graciosamente, afim
de conduzir os magos à estrebaria
onde nascera o Salvador
do mundo. Pois tais maravilhas,
que derrocam por completo
todos os nossos conhecimentos,
ainda que rudimentares,
de astronomia, não são
anotadas, ingratamente, por
nenhum historiador. Deus não
o quis permitir afim de que
nos convencessemos que deveriamos
acessar todos os tolices de
fertil o Oriente, sem raciociar,

nio. «Se quizeres emaranhar-te
nas coisas do Senhor, mata a
razão», aconselhava o monge
rebelle.

Mas não é só na semelhança
do nascimento que se evidencia
que o mito cristão foi um
vergonhoso plágio dos outros
deuses redentores. Ha pontos
frisantissimos de contacto entre
eles. Buda e Mitra operam
milagres como Jesus, e como
Jesus morrem para salvar a
humanidade. E as minúcias de
sua vida se identificam tanto,
que um profundo orientalista,
o padre Giorgi, da ordem dos
Agostinhos, escrevia no século
XVIII: «Quando vi que já outro
povo possuía um deus descido
do céu e nascido duma virgem
rial, tendo morrido para
resgatar o genero humano, a
minha alma perturbou-se, fiquei
assombrado e confuso».

E não ha ninguém que não
se espante. Os próprios escritores
católicos são obrigados a
admitir esta grande verdade,
de que o seu Cristo é uma
imitação de outros, que o seu
deus é uma fabula que não é
original.

Tertuliano pensou outrora
explicar esta paridade de concepções
religiosas pela interferência
de Satanaz. E' tfo pueril o
argumento do célebre padre
que nem merece comentário.
Mais recentemente, o padre
Sena Freitas, pretendendo
rebater o livro profundo de
Boschi, confessa, a muito custo,
que Mitra se assemelha, em
muitos pontos, ao seu Cristo,
mas se isto admite, recorda-se
imediatamente de que é católico
e põe-se a refutar Milesbo
não com argumentos poderosos
que tivesse haurido nas fontes
directas, na India ou no Egipto,
mas citando, como profundo
testemunho scientifico, algumas
magnas linhas do Dicionário
do erudito Larousse! Triste
prova dum belo espirito em
declínio.

Não ficamos por aqui: o
assunto é interessante e o
corajoso e inconfundivel vigário
de Bauru ha-de consentir que
tornaremos a escrever mais
algumas linhas sobre a veracidade
historica da existência de seu
deus.

Depois da Quiza



Bom officio

O jornal clerical francês La
Croix entregou-se a alguns curiosos
cálculos estatísticos:

Em Saint-Thomas de la Flèche
(Sarthe), houve apenas quatorze
párocos successivos em três
séculos.

Em Saint-Germain-du-Val, de
1701 a 1800 só houve três, e
cinco de 1800 a 1912.

Em Grands-Chézeaux (Haute-
Vienne) houve onze párocos
durante 300 anos.

«E' uma prova palpavel, diz
La Croix, da afeição que essas
paroquias inspiram a seus pastores.»

E da vida regalada que eles
ali levam...

Já aqui falámos da longevidade
dos papas. Deviamos dizer
dos padres em geral.

Revejamos-nos isto os vidreiros,
mineiros, padeiros, etc.

Bom officio! E util!...

Ex-padre livre-pensador

O ex-padre Antonio Augusto,
vigário de Bauru que há tempos
atirou as ortigas a buftina indo
para o Rio empregar-se no comércio,

estrevou a uma filha de Bauru
avisando as suas felicitações ao
livre-pensador daquella cidade
pela fundação do Centro de Livres-
Pensadores.



— Bebamos, irmãos, bebamos em regosijo pelo aparecimento da Idalina, que em breve nos virá de Buenos-Aires ou de Três Montes, como a Maria Madalena nos veiu de Athalia!

A MORAL CLERICAL

Um escandalo clerical em S. José da Bela Vista

Mais alguns detalhes sobre as santidades de D. Paulino

Registemos aqui ainda alguns
informes a respeito dos actos de
santissima abstinência clerical do
padre Nicolau Paulino, já conhecido
dos nossos leitores pelo que disse-
mos em o nosso n. 147 sobre a sua
purissima personalidade.

D. Paulino, os leitores estarão
lembrados, é o virtuoso sacerdote
que em S. José da Bela Vista seduziu
uma pobre orfã, pondo-se
depois ao fresco para outras
paragens onde os seus gloriosos feitos
clericos ainda não eram conhecidos.

Por este trecho de uma coorres
pondência de S. Joaquim publicada
por um seráfico orgão de Ribairão
 Preto, verão os nossos leitores
até onde vai o descaramento desse
refinado sátiro, digno rival de S.
Faustino em virgindade e pureza:

Sabemos que o vigário desta localidade,
Nicolau Paulino, vai processar
a Paulo Ferrari e a José Pinto, como
autores de artigos caluniosos contra
sua reuma, e quer pulverizar,
provando que tanto nesta paroquia,
como na de S. José da Bela Vista,
teve um procedimento exemplar.

José Pinto já os nossos leitores
conhecem: é o genro da senhora
que criou a orfã victima da
concupiscentia de D. Paulino. Paulo
Ferrari é o antigo companheiro de
luta que trouxe a público as
infamias do tal padre.

D. Paulino quer processar o
companheiro Paulo Ferrari para que
fique bem patente o seu exemplar
comportamento!...

Que despuadorado! Não acreditamos
que o padre Nicolau Paulino cometeu
tal imprudência, pois não faria
mais do que provocar ainda maior
alarde em volta de sua castidade
de donzela... cuja mãe S. Faustino
não chegou a apertar...

Entretanto, enquanto D. Paulino
prepara o tal processo, nós de
nosso lado iremos tratando de
refrescar-lhe a memória sobre os
factos que deverão servir de base
na acção judicial a promover contra
os maculadores da sua virgindade...

Meta-se D. Paulo no seu
retiro espiritual e examine os
leves pendinhos do velho cura...

Recorda-se? As primeiras
tentativas de sedução da orfã
livram por teatro a própria
igreja onde as suas orilhas
luzem-se purgar dos seus
pensados... Foi naquella
casa do velho senhor que, certo
dia, a sã tom

O Confeitiro.

"Centenas" em Portugal

Um novo representante em
Lisboa, autorizando a tratar de
tudo que se refere a esta
folha, e a cidade de
Lisboa, reside: à rua de
Bauru, n.º 2.

a inocente mocinha, mandou-a
à sacristia buscar alguns pregos
para remendar não sabemos
que santo e tentou beijala...
santamente.

D. Paulino deve também
estar lembrado das mil promessas
feitas à orfã depois de com
ela ter satisfeito os seus
desejos carnaes. Para que
ela não falasse, prometeu-lhe
que a traria a S. Paulo, onde
a levaria a todos os divertimentos,
e que jámais a deixaria?

De tudo estará lembrado
D. Paulino, que quando viu as
coisas paradas embarcou para
a Italia, onde esteve por
algum tempo.

Do seu processo o padre
Nicolau Paulino ha-de sair
fresco...

O companheiro Paulo Ferrari
está em condições de provar a
saciedade os factos que vieram
a público. Possui uma
declaração da própria victima
denunciando o padre Paulino
como o seu seductor, declaração
esta que por si só basta para
justificar a sua canonização...

A victima do tal futuro
santo de S. Joaquim declarou
que o padre, para livrar-se da
enroscada, pretendeu obriga-la
a declarar ter ela tido relações
com outros homens.

D. Paulino ha-de também
incluir no processo, como sua
testemunha, o orfão Anselmino
que declarou perante um juiz
de orfãos ter sido uma das
suas victimas...

E a mulher do sacristão?...
Com esta não foi feliz. D. Paulino,
por isso, ferido no seu
prestigio de d. Juan, começou
a perseguir o seu marido,
ao qual impedia de cavar os
1\$000 dos batizados...

D. Paulino não deve hesitar:
um processo conquistá-lhe-á
um lugarzinho no céu ao lado
do dignissimo companheiro
S. Faustino...

Como já dissemos, o padre
Nicolau Paulino encontra-se
agora em

CAUTÉRIOS

LXXII

Homem por ai que brevemente
teremos mais um
cardal na pessoa do
Duarte Leopoldo, arcebispo
de S. Paulo.

Alegrai-vos, brasileiros,
Salva-se a pátria do abismo
Que os nobres patrioteiros,
Tomados de pessimismo,

Antevêm a toda hora,
Quando estão na opposição:
Alegrai-vos, pois agora
Vai levantar-se a nação!

Vamos ter, oh que ventura!
A mais, um belo cardal...
Oh que doce conjectura,
Que alegria sem rival!

O Progresso, majestoso,
Toma as rédeas e conduz
Esté paz venturoso
Pelo caminho da luz!

Não precisamos de escolas,
Basta ensinar-se a rezar,
Bastam sómente as estofas,
E eis o Brasil a marchar!

Indústria, instrução, lavoura?
Tolices de fazer rir!
Pra quê andar-se em doudoura,
Se é tfo facil progredir?

Frades importem-se as grossas,
Venham freiras em tonsis,
E as savanas arenosas
Mudam-se logo em verges!

Basta alguns centos de contos,
Vem de Roma um cardal,
Que nos dá cômodos prontos
Na corte celestial.

Que mais portanto é preciso
A esta terra, então, que mais?
Se está ganho o paraiso,
Se temos dois cardais?

E a evolução não estaca!
No andar como as coisas vão,
Descem bispos e pastores,
Monsenhores e tostão!

Aguardemos pois a baixa,
Nada façamos agora,
Que esta terra, ou vai ou racha,
Ha-de tornar-se, sem mora,

Num convento reverente
De cardais e sacristões...
Vão ser santos, brevemente,
Até os porcos e os cães.

Santo da Silva.

S. Joaquim, cidade da Mogyana, onde continuará a dizer missas, a purificar com a água bati mal as terras circunvizinhas e a ouvir em confissão as virtuosas senhoras e as sadas, as pudicas donzelas e as inocentes meninas!...

Bemaventurados os pobres de espírito porque deles será o reino do céu... dos imbecis...

Para fechar esta com chave de ouro, juntamos aqui esta noticia encontrada na Cidade da Franca:

PELA POLICIA — Pela delegacia de policia desta cidade, foi instaurado inquerito contra o padre Nicolau Paulino, acusado de haver, em fevereiro de 1911, no districto de S. José da Bela Vista, desta comarca, deflorado a menor Maria José, orla.

A victima foi submetida a exame de corpo de delicto, achando-se já com uma criança do sexo masculino, de nome Benedicto, de 6 mezes de idade.

Nicolau Paulino, que era vigário de S. José da Bela Vista, foi transferido para a Paróquia de S. Joaquim, onde actualmente reside.

Agora ide todos, os pcientes fleis de S. Joaquim, ide em massa, com vossas mulheres, com vossas filhas prostrar-vos aos pés do santo satiro que mercadeja nesse prostrubulo que ai tendes com o nome de Igreja!

Restar-vos-á depois o recurso de... queixar-vos ao bispo...

Onde está Idalina?

A noticia espalhada sobre o novo aparecimento de Idalina não passa de ridículo «canard».

Para não estarmos aqui a repisar o que vimos ha quasi tres annos comentando sob todos os aspectos, de todas as maneiras, pouco temos a dizer neste numero aos nossos leitores a respeito do caso Idalina.

Sobre a nova resurreição da pobre orla desaparecida no orfanato immoral, reparação tão escandalosamente explorada por certa imprensa diária, nada ha de novo.

Foi um balão de ensaio atirado ao publico afim de experimentar a sua disposição para receber um novo truce do genero do que aqui tivemos no ano passado e do qual saíram ridiculamente batidos a clericanilha, a policia e a imprensa, mancomunadas com o intuito de nos confundir dessa forma torpe, encobrindo um crime infame.

O povo, porém, já os conhece fartamente e ri-se gostosamente desses macabros histriões de batina que lançam mão afoitamente de meios cada qual o mais baixo para se verem livres das terriveis e esmagadoras acusações que lhes são feitas.

A noticia espalhada retumbantemente por certos jornais de tiro, não passa de um fugidio canard que nós esfrangalhamos bem mais depressa do que a clericapula muito provavelmente não esperava.

Como vimos que aqui não conseguiriam fazer aparecer uma nova Maria Madalena, tentam agora representar a comédia além-fronteiras.

Mas nós o desmascaramos da mesma forma.

Talvez mesmo antes de recebermos as informações de Portugal já tenhamos feito novamente dançar de urso os pulhas do Orfanato.

Pelas indagações a que estamos procedendo, esperamos fazer-lo já no próximo numero.

Entretanto respondam os criminosos confessos do Ipiranga: — Onde está Idalina?

Boutrina na Igreja

Recentemente, um dos principais pregadores de Brooklyn, Nova York, o padre Belford, escreveu na revista The Mentor: «O socialista é mais perigoso que a cólera ou a peste. É um cão hidrófobo que é preciso fazer calar, em caso de necessidade e tiros de espingarda.»

Os socialistas de Brooklyn, indignados, reuniram-se e votaram uma moção de protesto, na qual se assumiu responsabilidade o feroz e intolerante conspurcado por qualquer acto de violencia fanática contra um gale.



A legação portuguesa junto do Vaticano é mantida pelo Congresso — As curiosas razões do autor da lei de separação — Põe-se uma sentença junto do papa — Como interpreta o Vaticano a reconhecida do parlamento português — Os sentimentos católicos serviam afontados? — O que o Estado chama «direitos seus» — As leis de «defesa da República» — Escabujamentos monárquistas no norte — A democracia burguesa e o proletariado — O sufrágio universal na Bélgica e a resolução do Congresso socialista: greve geral lá para novembro.

LISBOA, 7 DE JULHO

A supressão da legação portuguesa junto do Vaticano, que os deputados tinham aprovado por uma pequena maioria, graças a uma manobra partidária, não foi, como noticia há quinze dias, mantida pelo Senado, apesar dos esforços de alguns anticlericis sinceros; e o Congresso, em sessão conjunta, deu toção aos conservadores senatoriis.

O facto desagradou profundamente aos elementos anticlericais, mesmo de tintas politicas; e grande foi o assombro da gente candida ao ver votar contra a supressão o partido do anticlericalismo de Estado luz o seu cavalo de batalha e o seu charmez politico. A propria Associação do Registo Civil, cujos corpos gerentes professam uma incondicional admiração pelo sr. Alfonso Costa e pela sua obra legislativa, não pôde abster-se de um certo espanto e de um arzinho de censura.

E sabem como se explicou o politico?

Discursando numa sessão pública, disse que a legação junto do Vaticano é um posto de guerra e não de paz! E' tambem uma arma de combate, um posto de observação. Como o papa se enfurece contra a República, esta deve ter ali, em Roma, um posto para responder!

A assembleia parece ter ficado satisfeita com as explicações; mas nem por isso a razão alegada deixou de ter, na imprensa, o comentário que salta aos olhos. Que a legação, como arma de combate e sentinela, é inteiramente imprópria. O Vaticano era impenetrável mesmo no tempo de boas relações e de fidelissima riezaleza, mesmo para a gente da casa, como o padre Antonio Vieira — e iria abrir-se a um inimigo, consentir de bom grado dentro de portas o ministro da República, ainda por cima publicamente declarado como sentinela vigilante do adversário!

Conservar a legação em homenagem à missão histórica do «venerando Sacerdócio Católico», como dizem os positivistas comteanos, ainda tem uma certa lógica; mas para anticlericais que não sentem esse respeito e que consideram o Estado como neutro e a Igreja Católica no mesmo pé que as outras, tal motivo não serve, e a necessari lade de um «posto de guerra» não resiste à mais ligeira critica.

O Vaticano é que não tomou o voto do Senado e do Congresso como acto de guerra; manhosamente, considerou o como homenagem aos sentimentos católicos da grande maioria do povo português, como reconhecimento da força e prestigio desses sentimentos e da entressa que os explora. Assim o declaram, sorridentes, os seus orgãos. E é natural, ao passo que seria igualmente natural que a República, servindo-se dos mesmos argumentos justificativos da separação da Igreja do Estado, suprimisse a legação junto do Santo Sé, não para ofender sentimentos quaisquer, mas em obediencia aos principios separatistas e de neutralidade perante todas as Igrejas.

O dr. Alfonso Costa parece

ter dado razão à interpretação vaticanesa, quando disse:

«Porque é que a Roma clerical não tem suprimido a sua nunciatura no nosso país? Sentindo-se tão ofendida, porque não pôs ainda escritos a sucursal? Por que não quer afrontar a consciência dos católicos. Se ella for suprimida quer dar-nos a responsabilidade desse acto.»

Ele tambem quer dar a Roma essa re-ponsabilidade; quer que seja o papa o primeiro a suscitar a ruptura. Então será enérgico.

Mas, santo deus! essa responsabilidade está tomada! Está tomada com a lei de separação — ou de quasi-separação, — da qual a extinção do ministro da República junto da Santa Sé seria uma simples consequência! Esta extinção não poderia ofender a consciência católica mais do que a lei separadora, e sobretudo mais do que os seus fortes resabios de regalismo; e as razões dessa extinção e as da separação seriam as mesmas. O Estado é leigo, é neutro em matéria de crecenas.

A República conserva a legação, acrescentou-se, como conserva o direito de fiscalizar os documentos da Igreja, como conserva o beneplacito, a intervenção na nomeação dos párocos, etc. Pois não devia conservar coisa alguma dessas. Esse argumento de homem de Estado não serve para um homem de liberdade: um mal não se justifica com outro mal. Aquelles «direitos» de fiscalização são abusos da autoridade, mais ameaçadores para a liberdade de todos do que para a Igreja. Esta depressa se desembracará d'elles, explorando-os ainda como odiosas perseguições, embora não effectivas; mas o Estado seguirá os mesmos processos contra os que não possuem tam abundantes meios de defesa.

E a prova está nas leis que, sob o pretexto de «defesa da República», o parlamento trata de forjar, não só contra os retrógados monárquistas, mas contra os revolucionários sociaes, contra os adversários da burguesia e do seu dominio de classe, contra os propagandistas duma humanidade livre e sem fronteiras. Leis ambiguas e imprecisas, que punem vagos delictos de propaganda «antipatriótica» e ultrajes às instituições, que não perdoam aos vendedores de escritos clandestinos e que permitem largamente as apreensões, até por causa de linguagem «despejada e provocadora» contra a segurança do Estado e da ordem. E' o arbitrio que resulta de todo e qualquer limite da expressão do pensamento. E' sempre o velho conceito autoritário, que anula de facto a liberdade de pensar (salvo as resistências da opinião, a acção directa do povo), pois coloca nas mãos da autoridade — isto é, do proprio interessado, do monopolizador da força pública — o metro da verdade, o estalão do pensamento, a medida do espirito critico.

Já contra essas leis se levanta uma campanha de protesto, que teve os seus primeiros actos públicos e que os homens de governo bem poderiam ter evitado. Não foi, por exemplo, uma inabilidade chamar a atenção para o antimilitarismo, assunto bastante descurado ultimamente?

E que pressa tinha a Republica de atacar os elementos avançados, emparceirando-os grosseiramente com os retardatários?

Os retardatários, esses passarão, enterrando-se cada vez mais no irremediavel passado. Os escabujamentos como os que neste momento se verificam em algumas aldeias do norte, provavelmente para favorecer uma nova incursão, só servem para lhes tirar as ultimas energias, os derradeiros

lampejos de vida. Uma guerra civil, se estalasse, não seria duvidosa e liquidaria tudo.

Ficarão depois no campo, livre e desembaraçado (não contudo sem alguns ardis e espantinhos próprios da guerra), a burguesia, contente com a sua legitima forma de governo, que lhe representa admiravelmente os interesses de classe, e o proletariado, organizando-se, educando-se, lutando, ganhando força moral e material, elaborando uma nova civilização, criando os rudimentos de orgãos necessários para ella.

A experiencia democratica é vantajosa. Tambem o será, por ex-n-plo, na Bélgica, já que ali os operários, apenas com 20% sindicados, não estão ainda preparados para a dispensar. Os trabalhadores belgas querem a greve geral para... conquistar o sufrágio universal puro e simples. E queriam-na para já; mas os chefes politicos obtiveram, no congresso de 30 de junho, uma espera, para as tentativas parlamentares até novembro. Votaram sobre a greve geral, além dos sindicatos operários, os grupos politicos e até as sociedades desportivas: uma confusão absurda de orgãos e funções. Mas a evolução far-se-á, virão as lições de coisas... e o proletariado belga terá uma organização independente.

Neno Vasco

NO RIO

As conferências da Liga Anticlerical

A loucura do padre...

Com um ruído successo e com muita felicidade, realizou a nosso intemerat correligionario dr. Bruno Lobo, lente da Escola de Medicina, a sua conferência no salão do Gremio Republicano Português, sábado ultimo, ás 8 e 1/2 horas da noite.

O tema foi desenvolvido com critério e firmeza de argumentos. O dr. Bruno, que foi medico do Hospicio Nacional de Alienados durante cinco annos, expôs precisamente o estado de alma em que se encontra o padre Júlio Maria, aconselhando a que deixassemos acalmar, desaparecer os seus acessos de fraqueza cerebral para depois fazello reconhecer o erro em que seguia.

Um tanto saturada de fina sátira, a bela preleção do conferencista provocou sadias gargalhadas no auditorio, que era numeroso e do qual se destacavam muitas senhoras.

A próxima conferência da série encetada pela Liga, e que será a sexta, realizar-se-á na nova sede do Gremio Republicano Português, á praça Gonçalves Dias, que para ella deve mudar-se por estes dias. — S. B.

Realizar-se-á hoje uma sessão de propaganda do professor Bandoni

O professor Angelo Bandoni, da escola social de Candido Rodrigues, que, como já noticiámos, está realizando pelo Estado uma excursão de propaganda do método de ensino da Escola Moderna.

Esse companheiro já percorreu diversas localidades, nas quais realizou com successo as suas conferências.

Em sua companhia andam duas das suas alunas que tambem realizam palestras de propaganda.

Angelo Bandoni encontra-se agora em S. Paulo e realizará hoje, ás 7 e 1/2 da noite, uma sessão de propaganda no salão da rua Júlio Conceição, 35, desenvolvendo o tema: «Os caracteres evolutivos do entendimento humano».

As suas duas alunas falarão sobre os temas: «Lutas e esperanças do proletariado e «Os propagandistas populares». E' de esperar-se uma grande concorrencia para esta importante sessão de propaganda, cuja entrada será franca.

Refutação à sétima conferência do bonzo Júlio Maria

V

«Toda a legislação da Igreja, desde os primeiros séculos até nós — escreve Bossi — é uma legislação de escravatura. Já no tempo de Constantino, aldeias inteiras, cujos habitantes eram escravos, foram dadas aos padres. O concilio de Granges (394), condena todos aqueles que insigassem os escravos a fugir dos seus senhores. Os de Orleans (711), de Roma (505) e de Bruges (1031), prohibem: que os escravos sejam elevados ao sacerdotício. O de Narbonne (589), pune com 100 chicotadas o escravo que trabalhar no domingo; o de Orleans (541) estabelece que os judus ainda que batizados, continuarão sendo escravos; o de Toledo (658) declara que os batizados dos padres são escravos da Igreja; o de Adges (506) preciteia que os bispos podem vender os seus escravos, mas não os da Igreja sem antes indenital-a (Sevilha 619); e os de Toledo (773) e Francfort (894), prohibem a bispos e abades que mutilem ou euguem os rudes ser-vos de Deus» (1).

Mas ainda ha mais. «Os eclesiásticos, feitos proprietários — diz Cantú — não aboliram a escravidão nem emanciparam os colonos» (2), facto este atestado por Draper, o qual nos garante que o papa Adriano I traficava em escravos, e que havia abades que possuíam até 20,000 (3). Estes testemunhos são confirmados por Vasco, que diz-nos: — «Muitos pensam que o cristianismo aboliu a escravidão; mas não há opinião menos exacta» (4). Porque, a julgar do que nos diz o dr. E. Araújo, o clero da idade media comprava, vendi e trocava escravos por terras e outros valores. — Assim, — diz-nos elle — em 924, o bispo Adalberto di vários servos aos conegos de S. Vicente, e no mesmo ano troca uma serra por outra. Em 955, um comerciante do nome Vasco, cede ao abade Ampaldo um servo, cujo valor foi calculado em 15 pértigas de terra e 8 braças; e em 1018, out. o abade, Godofredo, trocou três servos por três pértigas de terra» (5).

Além disso, quasi todas as nações cristãs tiveram escravos. A Igreja tinha-os na Martinica, Uruguai e Paraguai (6); a Espanha, em Cuba; Portugal, na Africa; a Inglaterra, nos Estados Unidos, e a França, em S. Domingos, nas Antilhas. Quando os espanhóis conquistaram o México (1519), escravizaram mais de 60,000 indios. Os protestantes introduziram a escravidão nos Estados-Unidos em 1620 (7). A Inglaterra, em 1788, tinha, nas suas Indias Occidentaes, 410,000 escravos, e 90,000 na Jamaica; além disso, os ingleses faziam um comércio de escravos que lhes dava annualmente um lucro liquido de 2,200,000 libras esterlinas... (33,000,000,000 contos de réis). Só em 30 annos (de 1789 a 1819) elles transportaram para a ilha de Cuba 300,000, isto é, um termo médio de 10,000 por ano (8).

Devemos tambem notar que não foi por conselhos da Igreja ou sugestões clericais que a escravidão se acabou, mas sim pelas revoluções e o espirito do século que não mais a permitia. Assim, em 1812, foi abolida no México; em 1818, no Chile; em 1821, no Perú; em 1823, na Guatemala; em 1828, na Argentina; em 1834, na Venezuela; em 1844, na ilha de Cuba; em 1861, na Russia; em 1848, nas colónias francezas; em 1864, nos Estados-Unidos, após uma guerra que custou 1,000,000 de vidas e... 3,000,000,000 de contos de réis; em 1878 em Porto-Rico, e em 1888 (13 de maio), no Brasil (9).

Orá, nós desafiamos ao bonzo Júlio Maria a que nos aponte um só país onde a escravidão haja sido abolida por intervenção do clero (10).

Longe de proteger-nos contra o despotismo, a Igreja Romana, como ficou demonstrado e ainda demonstraremos, foi a mais despota entre

os despotas, pois que, como diz Bossi, enquanto os outros paizes empenhavam-se em acabar a escravidão, o clero teimava em conservalla.

Mas a Igreja ain'a fez mais: — declarou, por boca de Pio IX, que «o povo é uma infame canalha» (11), e p r boca de Leão XIII, que «é preciso ter o povo sujeito ao trabalho e empregar a força contra os operários em caso de greve» (12).

A força, a santa força! tal é o meio de que a Igreja tem usado e abusado para manter seu despotismo durante 2 000 annos (13).

E assim, por hoje, ficam estragalladas as duas primeiras proposições do bonzo — «a Igreja libertou-nos do erro e delendeu-nos contra o despotismo». Para esmagar a última e mais atrevida — «e sempre sustentou a inviolabilidade da personalidade humana», voltarmos outro diz.

José Martins.

(10) A unica coisa que nos pode objectar, — e nossa lealdade e tanta que aqui registamos, — é que os papas Paulo III, em 1537; Urbano VIII, em 1629; Benedicto XIV, em 1741; Pio VII, em 1799; e Gregorio XVI, em 1839, protestaram contra a escravidão, e... mais nada, mais nada e nada mais.

(11) Saldanha Marinho (Gauganelli, «A Igreja e o Estado», t. 1, Rio de Janeiro, 1873).

(12) Bossi, «Obr. cit.», p. 88.

(13) Isto verifica-se facilmente, consultando Bossi («Obr. cit.», p. 71, 3, «notas»); ou F. de Castilho («Historia das Perseguições Religiosas», t. V, p. 83, «notas»).

EM BOTUCATU

Um grande escândalo

NO SEMINÁRIO

Actos de imoralidades com alunos — Briga entre três padres e fuga de um deles — Pancadaria e tiros.

Botucatu, um dos principados da Igreja, onde reina soberanamente d. Lúcio, foi ainda ha pouco teatro do grande escândalo clerical, que se desenrolou no Seminário, a graud-fabrica por atacado dos futuros pregadores da intangivel moral católica...

Tivemos a primeira noticia desse facto pela acção telegráfica do Estado, que publicou esta incompleta nota a respeito:

«Deu-se há dias, no Seminário de Botucatu, qualquer coisa de anormal. Sabo-se apenas q: foram disparados dois tiros de revólver. O bispo d. Lúcio, que estava de viagem, foi chamado e veio prontamente.

Devido a isso, sua exa. não fez ontem a projectada visita á cidade de Itatinga.

Em consequência do mesmo facto, retirou-se precipitadamente desta cidade e para lugar ignorado o padre Vitorino Peyia, ex-reitor do Seminário.

O poro mostra-se apreensivo com esse estranho acontecimento.»

Diante de tal noticia, escrevemos logo para Botucatu pedindo que nos enviassem informações detalhadas sobre esse caso.

Mas, infelizmente, até agora não fomos atendidos. Recebemos apenas esta vaga promessa:

«Recebi sua carta. Já estou tratando de colher todas as informações necessarias, que lhe enviarei no mais breve tempo possível.»

E são passadas mais de duas quinzenas sem que nenhuma outra informação nos chegasse ás mãos.

Para que a Lanterna não deixe de registrar mais esse escândalo que vem ainda uma vez pôr em cheque a moralidade dos collegios clericais, vamos resumir aqui as noticias já publicadas.

O escândalo que colocou na berlinda a sede do rendoso bispo do bem aquinhoado d. Lúcio não é senão um desses muitos constantemente registados pela imprensa e que representam apenas uma pequenissima parcela dos que ficam abalados entre as discretas paredes dos collegios e abrigos regidos pela gente clerical.

Federíamos enumerar aqui uma grande serie d'elles registados na colleção da Lanterna e que os nossos leitores conhecem.

Longa seria essa enumeração de factos que atestam a vicecadencia da moral dos institutos religiosos.

E entre elles não se poderá separar de interstícios onde os pobres

(1) E. Bossi, «A Igreja e a Liberdade», part. 1, p. 83. (2) Cantú, «Obr. cit.», t. VIII, p. 236. (3) Draper, «Hist. Intellectual da Europa», edic. espan. de Sempre y Comp., t. II, ps. 98-101, Valencia. (4) Vasco, «A Luta pela Vida», trad. de H. Marinho, p. 183; Lisboa, 1905. (5) E. Araújo, «A Escravidão antiga e moderna», p. 20; Lisboa, 1900. (6) Vasco, «Canto», tomos XI e XVII, ps. 186 e 304; tambem 1. de Maria «Hist. do Uruguai», t. 1, p. 114. (7) Sotto Mayor, «Hist. dos Estados Unidos», t. 1, p. 130; Lisboa, 1877. (8) Cantú, «Obr. cit.», t. XII, p. 104. (9) Bossi, «Obr. cit.», p. 80.

crianças são entregues com oega confiança a homens ociosos, bem nutridos, cuja concupiscência chega ao paroxismo pela falta da satisfação normal de uma imperiosa necessidade fisiológica.

E enquanto houver famílias cuja cegueira permita a entrega de inocentes criancinhas a esses monstros morais, enquanto existirem tais coícos onde se encerram infelizes ovelhinhas sob as garras de lobos esfomeados, a crônica das tolhas não cessará de registrar escândalos cada qual o mais repugnante, e cada qual o mais infame.

Dito isto à guisa de comentário, passemos a relatar

A Iradaria progride em Santa Catarina

Acofartados pelo mamto da seita católica romana, estão se asseho-reando do Estado de Santa Catarina os disfarçados franciscanos alemães, esses frades corruptos expulsos da Europa, com o intento oculto de restaurar a maldita inquisição.

Quotidianamente vemos desembar-car dos vapores chegados do Rio de Janeiro 3 ou 4 frades, sempre acompanhados das virtuosas freiras, ou esposas de Cristo, como descarada-mente as denominam esses santos e castíssimos frades, que com elas vi-vem no mais santo concúrcio.

Já temos, bem no centro da capi-tal, os antros de perversão intitulados conventos de freiras e o respectivo asylo de orfãs; um pouco mais dis-tante o convento dos jesuítas, cogno-minado pelo governador jesuíta de Ginásio; antes de chegar a este Gi-násio, o célebre palácio episcopal que nos custou oitocentos, arranca-do do Tesouro Estadual, contra o que precetua a Constituição Fede-ral!

A Intendência municipal da capi-tal, fundada no receio das fogueiras infernais (criação da Madre Santa Romana), com que a ameaçaram, fez presente de uma rua inteira que passava pelo meio do convento das freiras e respectivo asylo de orfãs, sem lei alguma que autorizasse semelhança arbitrariedade.

Esta Intendencia, tão ciosa no cumprimento de suas posturas, tão recta e severa até ao extremo para com os seus municipes que não usam hábito de frade ou sandalias, punido os contribuintes do imposto predial com a multa de 10% se passarem uma hora do prazo marcado para o respectivo pagamento, esta carolíssima Intendencia faz presente de uma rua as freiras; isenta o pa-gamento do calçamento das ruas ad-jacentes às igrejas da seita católi-ca romana; isenta de décimas urba-nas o convento das freiras e o prédio de residência do bispo; isenta do imposto de carruagem o carro do santíssimo bispo; isenta do imposto de carroças as carroças das freiras e do Ginásio que constantemente transi-tam pelas ruas; isenta do imposto de olaria a olaria que as freiras monta-ram para ganhar dinheiro, competin-do e prejudicando assim o indus-trial que paga o imposto por não ser frade ou freira. Não cobra imposto algum no centro comercial intitulado Ginásio jesuítico, à rua Esteves Jun-ior, onde os negociantes, vestidos de mulher viuva, tem seus arma-zens sortidos de bananas a 10 reis cada uma; tamaras a 100 reis uma; ameias a 100 reis uma, e um bem montado armarinho de penas, papel, tinta em vidros, etc. etc.; uma sa-pataria que cobra do aluno o dobro do preço de uma meia sola que o comércio sobrecarregado de impos-tos faz pela metade!

Está assim a Iradaria isenta de todos os impostos!

Até quando durará isto? Respon-da o povo.

Como se deu o grande escândalo

do qual foram protagonistas os pa-dres Pinto, Amorim e Vitorino Maria Peyla, este reitor e aqueles pro-fessores do Seminário.

Já de ha algum tempo cochichava-se no Seminário sobre as re-lações libidinosas que os padres Pinto e Maria Peyla mantinham com alguns alunos, correndo a no-tícia dessa immoralidade de boca em boca, chegan lo logo ao conhecimento do padre Amorim, que resolveu chamar à ordem os libidinosos co-legas.

Os padres pederastas não acoi-tando as observações do padre Amo-rim, atiraram-se contra ele, chama-ndo em seu auxilio os seminaristas mais velhos, e todos juntos, espan-caram no disparando contra ele dois tiros de revólver sem, porém, o atingirem.

O padre Amorim, atropelado a pé, fugiu do Seminário, com um pé descalço, indo até à casa de um amigo, ao qual pediu uma arma para voltar ao Seminário.

O amigo do padre Amorim aco-m selhou-o a que fossem juntas à po-lícia, para com o seu auxilio reti-rarem as malas que deixara no Seminário.

E assim foi feito, indo o padre Amorim, acompanhado pelo seu amigo e por cinco praças, ao Semi-nário, de onde retirou toda a sua bagagem, levando também em sua companhia um aluno de 12 anos, que fez graves revelações sobre as immoralidades lá praticadas.

Esse menino declarou diante de diversas pessoas que os padres Pinto e Peyla costumavam ir alta noite à sua cama para fazerem com elle actos ignominiosos.

Para que os padres bandalhos não o consumissem, o menino per-noitou fóra do Seminário, sendo depois entregue aos seus pais, resi-dentes em Itatinga.

Soubese de outros escândalos de que foi teatro o tal Seminário, entre as quais o das visitas noturnas de uma mulher muito conhecida na localidade, que levava meninas em sua companhia.

O padre Vitorino Maria Peyla logo após a divulgação do escân-dalo tratou de se pôr ao fresco, dando o seráfico Botucatuense a seguinte noticia a seu respeito:

"Com o fim de tratar de sua saúde, seguiu para S. Paulo e re-vez, conego Vitorino Maria Peyla, reitor do Seminário Diocesano."

Foi assim que noticia o orgão do bispado a saída do padre Peyla. Entretanto a verdade é outra: o padre pederasta saiu de Botucatu a glope...

Houve quem o visse chegar, elegante, sem chapéu e em chinelo, ainda ao romper do dia, à estação de Capão Bonito.

Iria em busca de saúde?... Mas deixemos o resto para o próximo número, no qual respigaremos todas as noticias divulgadas sobre o escândalo desenrolado lá bem nas barbas... rapadas de d. Lúcio.

Entretanto, não fechem esta sem registrar o boato que corre da re-vertura do Seminário, lechado depois do grande escândalo de que foi teatro.

Reabrir-se-á em 1.º de agosto e para elle acorrerão as pobres crian-ças que os seus pais não sabem defender dos ataques da pústula clerical, entregando-as à guarda dos satyros de batina, que lhes corrom-perão não só o espirito com o próprio corpo.

bem, comer bem e passar confortavelmente.

Exausto, moído de canção, á noite, quando chega para a sua casa, o operário, maginalmente, ingere a sua magra refeição e, logo após, atira os lassos membros sobre qualquer enxergão, afim de descansar e recuperar as forças para a estafante lide do dia seguinte.

E um dia, para elle, assemelha-se a outro dia. Começa a 1.º de janeiro e termina em 31 de dezembro.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.



"ENCRENCA" NO CEU

A vida de Cristo provoca graves tumultos no Paraizo — S. João Batista promove um grande «meeting» de protesto — O Padre Eterno abandonado — Cristo foge!

A estupenda profecia do celeberrimo padre Julio Maria, ao passo que está sendo o clon da burguezia do Rio, transforma em bairro da Saude com barricadas e Portos Artur, o bublico Reino de Deus.

S. João Batista, melindrado ate aos calcabares com umas certas pa-lavras deitadas a queima-roupa pelo profeta, sobre o galante auditorio que o ouvia e que feriram ate aos ossos a sua vaidade de santo, resolveu, esgadanhado pelas garras do ciu-me, efetuar um grande comicio de protesto ao famoso ex-advogado e a vida do Redentor a terra.

E logo ao romper do dia, S. João, de cima dum pipa de cachaca que era guardada por santo Oofre, deitava a sua eloquente verborrhagia a uma enorme multidão de santos e santas que o aclamavam entusiasticamente, divinamente.

O Eterno I-go que teve conhecimento dos factos telefonou a S. Jorge e a Cristo, solicitando com urgência o seu comparecimento ao salão das combinações celestes.

Tomadas as necessárias providências, ficou de prontidão a Benemérita Guarda de Anjos (uma especie de policia paulista-carrioca) e reuniu-se secretamente o Divino Conselho de Apostolos.

— Senhor! Senhor — esganichou S. Bento, entrando na divina ocasião. Que flagelo de heresia! Não se pôde sair de casa!... Um horror! João Batista está falando a mais de um milhão de irmãos na praça do Paraizo!... Bendito seja, senhor!

— Toda essa encrência — roncou o velho em bom carioca — é por causa do ciu-me — e virando-se para S. Jorge — General, no ultimo dos casos: violencia!

— A' paulista!

— Ou a' portugeza.

O padre Julio Maria — dizia S. João — é indigno de ser padre! Ele! Ele!... Ele foi casado e viuvo duas vezes! E' já defendeu assassinos nos tribunales de S. Paulo!...

— Protesto! Protesto! — Atalhou S. Paulo com um no na garganta.

— Eu nunca tive tribunais!

— Além de tudo — continuou o santo orador depois de soltar um valente... espirito — ele já foi ateu, já entrou montado num cavallo no interior de um templo sagrado! (cochichos, murmurios, pasmo). A sua vida e cheia de manchas! Ele é pre-tencioso, e egoista; tem a mania da celebridade — é um doido varrido! (aclamações delirantes).

— E' falso! — gargantou S. Jilfo.

— E' verdade — emendou S. Leão XIII — eu tambem fui padre e bem conheço essa canilha.

— Canalha vá elle! — uivou Santo Antonio, deixando cair o menino Jesus de tabatanga que trazia ao colo.

— Eu tambem o fui... só namorava.

— E' por isso que cincoenta das Onze Mil Virgens fundaram um club de Zé Pereira — ladrão Santo Agostinho saltando uma gargalhada.

— Silencio! — urrou o orador. — Já basta de apertes. E continuou — companheiros!...

— Companheiro é boi de carro! — gaguejou S. José da Pedra de Madureira.

— Digo companheiros, porque estamos num comicio!

— Mas o céu não é largo de S. Francisco — berrou S. Patúncio — Arre!... Com um milhão de jacarés!

— Jacaré é sua avó — rouquejou Santo André, furioso.

— Eu não falo com você; não seja tolo. E mesmo igto aqui não é o largo de S. Francisco, como já disse o Patúncio.

— Meu largo, uma óva — vociferou S. Francisco, que chegava na ocasião.

— Veja lá como fala.

— Dispersem-se! — bradou S. Jorge empunhando uma espada de zinco e montado num belo cavallo que lhe fóra do recido pelo criador Vilar — do contrario vai a chanfalho e a pata de cavallo. São ordens do Divino!

— Não pôde! — late S. Domingos de Gusmão, atirando o seu fiel cachorrinho á cãra do chanfalho apulistan' do.

— Não pôde! Não pôde!... Abaixo a viagem de Cristo! Abaixo a ideia de fazerem do Espirito Santo um aeroplano! Abaixo o profeta profano! Viva João Batista! — eram os gritos da santarrada que começou a cometer disturbios e a fazer em cacarecos o mundo de Deus, Mãe e Filho.

O orador foi arrancado de tribuna e trancado na 8.ª linha do ver-sículo 3.º da 30.ª página do Velho Testamento, e outros santos, os mais arrojados, foram atirados de cambulhada para as masmorras do Pur-gatório.

A violencia entrou em acção. A Virgem, as N. Senhoras, e as santas foram atacadas de faniquitos.

As desordens, porém, foram num crescendo assustador, e logo era impotente.

O Eterno e o Divino Conselho choravam como crianças de berço.

O diabo no céu.

A' ultima hora constava que Cristo tinha dado as de vila Diogo, ignorando-se o seu paradeiro.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

A hygiene é uma instituição, não há duvida lo, salutar e neces-sária, mas, forçoso é reconhe-ccer-lo, necessita em grande parte de um certo bem estar e dos meios necessários para a sua consecução.

Exemplifiquemos:

E' sabido e não carece de mon-stração que as crianças proletárias andam sempre imundas. Porque? Porque, para uma criança andar sempre asseada é preciso que tenha bastante roupa e, faltando os meios, não a terá e, por conseguinte, não a tendo, andará com a mesma do geito em que se achar. Isto é lógico.

E assim é tudo o mais.

Um operário que se levanta ás 4 e 1/2 horas da manhã e deixa a officina ás 6 da tarde, quando tem tempo para pensar no asseio corporal?

E, a continuação produz o hábito e este embota os senti-mentos.

E' esta a triste razão porque as epidemias devastam de prefer-ência os bairros proletários. Quem não está aparelhado para certa coisa não pôde fazer face a ella.

Quando, descontando um ou outro domingo ou feriado, tem ele tempo de satisfazer os preceitos da hygiene?

Depois, morando em lugares desprovidos de tudo que é necessário para a vida, é-lhe im-po sível seguir, mesmo se o quizesse, à risca, os preceitos do asseio e da limpeza. Sujeito ao sol e á chuva, a excessivos calores e rigorosos frios, é neces-ário que elle tenha uma tempera de aço para resistir. Se um mal-estar lhe invade o organismo, uma moléstia incipiente começa a manifestar-se, elle não tem tempo para medicar-se: — o quadro horrível da miséria accosa-o para a officina, e só quando não mais pôde levantar-se, então é que começa o seu tratamento, deficiente sob todos os aspectos.

Os leitores procurem-no; talvez esteja escondido debaixo de alguma cama, rindo-se de medo.

E vai neste pé a monumental profecia (decadência cerebral ou velhaco interesse) do padre Julio Maria, que tanto abalou a aristocracia carioca... Rio, julho de 1912.



"Lanterna" colorida

Um certo vigário M... de Jequiá, Pernambuco, era o que se podia imaginar de bom e paciente. (As vezes, talvez por «neurastenia», punha cristilos para fóra da igreja a pontal-pe); em virtude era um

alguns passos de distancia. Mais tarde, cerca das 14 horas, num terreno proximo do canal, encontraram-se varios artigos de vestuario do prior, e, finalmente, o chapéo, sobre o qual estava pregado com um alfinete, um papel vermelho com esta inscricao: 'Morrão os padraes! Entre o lugar onde foram descobertos estes vestuarios e aquele onde appareceu o sacco mediam uns 2 kilometros, o que torna mais misteriosa a desaparicao do padre.

2.º ACTO

Lembram-se os leitores, por certo, da historia que lhes contámos, de ter desaparecido, no dia 1.º de Setembro, o conego Piton, prior de S. Sergio, de Angers, supondo-se que tivesse sido victima de cilada em que malfeitores o houvessem assassinado e lançado á agua de um canal. Afinal não era nada disso. Piton, tesoureiro de varias obras de caridade, tinha-se loupetado com os fundos á sua guarda confiados. Comprometido, e temendo os resultados de uma sindicancia a que ia ser submetido, o conego imaginou a ter aquella comedia para ver se conseguia fazer recair sobre supostos saltadores a responsabilidade da desaparicao dos valores de que elle proprio era o ladrão. Seria nisto inspirado pelo seu Deus, que, ao que parece, não é lá das melhores pessoas? Talvez. O certo é que elle, dias antes, tinha ido a Lyon, onde comprara um fato completo á secular.

Voltando a Angers, começou a preparar a comedia, que, supunha elle, o havia de salvar. Saindo, vestindo, por baixo da batina, o fato á secular, e tendo tido o previo cuidado de se apoderar do dinheiro e mais valores que lhe restavam em casa, e de fazer, no seu quarto, tudo o que contámos, no dia seguinte, dando lugar a que se acreditasse no suposto assalto. Chegado á rua, foi para as proximidades do canal, tirou a batina, que rasgou para fazer creír em aggressão e luta, atirou ao chão o crucifixo, outro tanto fez ao chapéo á ecclesiastica, que substituiu por um á secular, e, assim disfarçado, tomou o comboio para Nantes, de onde seguiu para Paris, passando lá um dia e seguindo depois para Lyon.

Nesta cidade foi pedir agasalho a uns missionarios trapistas, a quem contou o caso do rapto e do assalto, já aumentado com pormenores, como o de o terem metido á força num automovel, onde o forçaram a substituir os trajes ecclesiasticos por aquelles que levava, o amarraram e lhe roubaram as chaves, com que foram alguns deles saquear-lhe a casa enquanto ficavam outros de guarda á elle, ameaçando-o de morte ao minimo gesto que esboçasse ou grito que soltasse. Os missionarios, acreditando-o ou fingindo acreditarlo, aconselharam-no a que fizesse a sua queixa ás autoridades competentes e telegrafaram para Angers, ao bispo e aos coadjutores de S. Sergio, contando-lhes o sucedido e pedindo que algum de lá fosse a Lyon levar trajes ecclesiasticos ao conego, para elle poder regressar á sua parochia.

Descaradamente, o conego Piton, seguindo o conselho dos trapistas, foi-se apresentar ao sr. Durand, substituto do procurador da Republica, a quem impingiu a mesma historia, bem como ao chefe da segurança, sr. Adler, que, prevenido, logo compareceu, fazendo reduzir a auto as declarações do padre. Contradições em que Piton caiu levaram o sr. Adler a apertar com elle de tal maneira que o forçou a uma confissão completa, pelo que lhe foi ordenado que se conservasse á disposição da justiça.

Não foi, porém, por ter arquitetado um romance que o abade Piton se perdeu. Foi por ter arquitetado defleitivamente esse romance. Com effeito, o primeiro cuidado da policia foi examinar o fato que o reverendo trazia vestido. Neste fato estava a indicção da casa que o vendera. A policia foi lá, no intuito de obter esclarecimentos sobre os individuos que se haviam apoderado do padre, e que descobriu nesse estabelecimento? Descobriu que fora o proprio abade Piton quem comprara o fato, em pessoa. Em virtude deste detalhe, o romance do cura de Angers foi-se por agua abaixo.

Emquanto isto se passava em Lyon, em Angers apresentava-se numa grande casa bancaria um individuo dizendo chamar-se padre Pageot, morador na rua Jessieu, 1-A, e pretendendo negociar certos valores. Os empregados da casa, desconfiados por causa do roubo feito no presbiterio de S. Sergio, disseram ao padre que só passados tres dias lhe podiam pagar a importância desses valores. O padre, então, retirou-se. A casa bancaria mandou saber á rua Justieu se lá morava o abade Pageot, foi-lhe respondido que não, nem era conhecido semelhante individuo. Daí se ainda mais a coincidência de que um cabeleireiro de Nantes, o sr. Peherin, recebeu uma carta de Angers, assinada «padre Pageot», encomendando-lhe um bigode postico e algumas cabeleiras. Este Pageot será algum cumplice do prior de S. Sergio? Mistério que tráz intrigala muita gente.

Es é o que vem referido em dois numeros de um diário europeu. Convm juntar que, apenas o padre desapareceu, houve mais linguas que supuseram toda uma comedia, por causa do que deixaram os gatinhos um morra aos padraes, como cartão de visita, e porque o conego pedira espera para uma prestação de contas.

Ha sempre malvados dispostos a desconfiar dos padraes! Pois não houve até hereses que puseram em duvida a virgindade e outras virtudes do martir S. Faustino? Canhas!...

Bilhetes e recados

Poços de Caldas — P. C. do N.: O jornal já lhe foi remetido na semana passada. Logo que possa nos enviara pelo correio. Saudações. Tamoió — J. F. M.: Foi-lhe novamente enviado o n. indicado. Saudações.

Atibaia — M. R.: Já fizemos a transferencia do endereço. Não o temos aí. Salud!

Bauri — F. R.: Regatámos o novo assinante de Agudos, a quem remetemos todos os ns. pedidos. Saudações aos companheiros dai.

Caxambu — D. M. R.: Recebemos sua carta. Salud!

Serrinha-Pedras — J. C. de Oliveira e B. L. de A.: Foram remetidos os pacotes pedidos. Saudações.

Rio — L. Dal Molin: Recebemos a lista pro-livro do Moscou. Será publicada com as demais. Seguirem os ns. pedidos. Salud!

Campinas — D. Garcia: Recebemos a lista. Salud!

Rio — Jango: Recebemos a lista. Saudações a todos.

Santos — C. R.: Remetemos o Noli me tangere. Saudações.

Vila Nova de Lima — A. L. R.: Recebemos os 10\$ de sua assinatura. Salud!

Montevideo — J. Suarez: Recebemos sua carta e fizemos o que nos indicou. Salud!

Não pôde continuar. Flor de Maio já não o via. Cairá sobre as grades desfaledida, desmaiada. O padre correu a uma pequena fonte cujo fio de agua murmurava a poucos passos e voltou com agua no concavo das mãos, humedecendo com ella as fontes da moça, que deu um suspiro e abriu os olhos, circumvagando-os e dizendo:

— Oh! que horrivel pesadelo! que horrivel sonho!...

Mas levantou-se logo, gemendo: — Não, não! não é um sonho!...

O padre! O padre é quem o espreita e lhe deseja a morte!...

— Sim, não é verdade?... O padre a quem maldizes... Pois bem: esse padre tem-vos ambos na sua mão... Escuta: dex testemunhas provarão os crimes do Cavaleiro... Se eu quiser, guardarão silencio e João viverá!...

— Piedade! Oh! Piedade! exclamou ella no paroxismo do terror. — Mas para que viva... é preciso que me jures renunciar a elle... Fala! Fala agora! Tu, tu só, é que decides da vida e morte do Cavaleiro de La Barre!

— Ela tornou a cair de joelhos e juntou as suas pobres mãos tremulas. — Piedade! Não me mateis! Não me separeis dele... Que vos fiz eu? Sou uma pobre rapariga... é verdade... mas não mereço tão abominavel tortura... Oh! eu hei de enternecer-vos... arrastar-me a vossos pés... Se souheis como desalago e morro logo dala!... Como a minha alma revive quando elle aparece!... Quereis que eu não o torne a ver... Mas que seria de mim?... E que seria dele... do meu João?... Ah! tenho a certeza... vós desajustais apenas acenar-me... Não é verdade?... E' isso, não é assim?...

Cada palavra da jovem enervava-se no cérebro do padre, arrancando-lhe um rugido de ciumes furiosos. Agarrou Flor de Maio pelos pulsos e levantou a, dizendo com voz sibilante:

— Basta! Basta!... Reflete e sentença!

— Piedade!... — Jura que não mais o verás... ou entreg-o ao verdugo!

— Piedade! — Jura, pois, desgraçada!

Ela debateu-se ainda um minuto. Sentia que elleloguecia. Os dentes batiam-lhe, invadia-lhe o rosto gracioso uma palidez livida... Como um relampago avermelhado, passoulhe pelos olhos a visão do verdugo fazendo cair a cabeça adorada... E agonizante, horrorizada, murmurou:

— Não o tornarei a ver!... — Vai te, pois, disse o padre, e trata de cumprir o teu juramento!

Fez um ultimo gesto de ameaça. Depois, cobrindo a cara com a sua cogula, como umaomba sinistra, desapareceu sem ruido nas profundezas do templo, em quanto ella, vacillante, como o espectro do desespero, se dirigia para a casa onde, em breve, talvez dentro de poucos minutos, João a apresentarse para fazer o sinal de amor, convertido em sinal de morte!

VI O SONHO Á LUZ DAS ESTRELAS

Flor de Maio entrara em sua casa. Como pôde chegar até á porta? Nunca se pôde lembrar depois. Pelos lábios crispados passaram-lhe palavras vagas, sombrias, monótonas, sempre se mesmas.

— Oh! Não o tornarei a ver!... Oh! Não o tornarei a ver!...

E, ao mesmo tempo, a voz áspera e mortificante do padre renovava-lhe na cabeça, como se estivesse ainda junto dala para lhe repetir:

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2\$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio! nas livrarias Alves e Magalhães, a 3\$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2\$500. Pelo correio, 3\$000.

"A Sementeira"

Publicação mensal illustrada de critica e sociologia de Lisboa. Inscere retratos e biografias dos escriptores e artistas revolucionarios e livros (ensadores) como (entre os outros) os publicados Wagner, Edna Goldman, Tobernicheusky, Rapisardi, Guyau.

Assinatura annual: 1\$200 (moeda brasileira). Assina-se nesta redacção.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado. Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 66 — S. Paulo —

"HUMANIDAD"

Excelente revista quinzena de educação e cultura social, de Valencia, Espanha. Assinatura, ano, 5\$000. Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

A LANTERNA

Nossa capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: Agencia de jornaes, do sr. Antonio Scafoto, rua 15 de Novembro, 51. Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140. Ventura Sierra, rua Conselheiro Ramalho, 166. Salão de Engraxate, largo da Sé, 5

A Lanterna no Interior

E' encontrada tambem á venda nas seguintes agencias: Em Ribeiro Preto, na agencia do sr. José Balles, rua Amador Bueno, 41 e 43. Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior. Em Santos, na agencia do sr. Palva Magalhães, rua Santo Antonio. Em Mogy das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa. Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmao. Em Cotagoyas, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Commercio 1-A. Em Florianopolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 4. Em Curitiba, na agencia dos sr's Pajuba & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

A LANTERNA NO RIO

Encontrada á venda nos seguintes pontos: CASE CRITERIUM largo do Rio, 32. Rua Salva-lor de 84, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate. Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate. Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Bras Lauria. Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada. Avenida Passos, 122, engraxate. Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Princi. Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso. Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro. Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno. Rua 1.ª do Março, agencia do sr. Mandarino. Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate. Rua Marcelino Floriano Peiroto, 58, engraxate. Avru da Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carmo Compas. Rua Souza Franco, 54, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matera. Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

VENDE-SE

TERRENO EM SANTOS Vende-se um magnifico terreno medindo 14 metros de frente por 50 de fundos, sito á rua Dr. Manuel Carvalho, ficando esquina com a avenida do Canal. Trata-se nos dias uteis com o sr. José Leite, á rua Eduardo Ferreira, 1 (Armazem).

Engenho Stamato

Sum engraxagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastres. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão no esparto. Progressivamente estão no esparto. Progressivamente estão no esparto.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro. Fundição e Mechanics, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

Coelho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular em litros de leite. Vendas condicioneas: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341 Belle Horizonte

Gesù Cristo non è mai esistito

A cura della Casa Editrice Mercedese Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Milesbo (avv. Emilio Bossi): Gesù Cristo non è mai esistito. Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione. Il libro che raccomandiamo caldamente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 2\$000, spese postali in più. Le ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedese Gomes Ristori, Caixa 1167 — S. Paulo.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registo do Correio: Primeira série, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo. El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo). El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordía. Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo. Monja Secreta de los Jesuitas. A Una Madre, por Ramon Chios. La Democracia y la Inglesia, por Potvin. 2.ª série em publicação: Dios, por Suñer y Capdevila. Los Milagros, por Roberto Robert. Lo que comen los onras, por Frey Geredio. Viaje al Inferno, por José Nakens. La libertad de ensiñanza, por Edmundo González. La Papiza Juana, por Julio F. Mateo. Sonetos Píadosos, por varios. Retratos de José Nakens, 1\$000 réis.

Fasenda á venda

Em Bello Horizonte Vende-se uma esplendida fazenda situada a 2 leguas desta capital, contando magnificas culturas, matias para lenha, boas invernadas em pastos fechados, 2 moinhos, engenho e macthinamos para canna e fabricar asucar, etc. Tem superiores e abundantes quedas d'agua, 3 carros de bois com suas respectivas boiadas; gados: bovino, suino e cavallar para criar, etc.; 260 alqueires de terras judicialmente divididas, além de estar ligada a terras devolutas e aproveitaveis. A casa de morada é completamente isolada das demais dependencias, como sejam: engenho, depósitos, etc. E' servida por um spde de estriboda Estrada de Ferro Central do Brasil. Trata-se com Nicomedes dos Santos; á rua de Petrusambuco, 905. Bello Horizonte (Minas).

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS M. G. rki, Os amassadores... \$200 A. de Piuho, Pela Educação e pelo Trabalho... \$200 H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario Prof Saturnino Barbosa, Poesia Transcendente... 1\$000 B. Peres Galdós, Electra, (drama anticlerical em 5 actos) 1\$000 Menza Botta, O Papa Negro Otaviano Heinelt, Um como não ha muitos, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) 1\$000 Carlos Dias, Semeadando para Colher... \$300 Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora... \$200 Guerra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno... 2\$000

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población... \$100 Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia... \$100 C. S. Darrow, Crimen y Criminales... \$100 André Girard, Educación y Auto-riedad Paternal... \$100

EM ITALIANO

Romano di una Donna, Angelo Longaretti... 1\$500 Almanacco Libertario illustrato 1909... \$300

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine, \$300 L'Esprit de Révolte, \$200 René Chaugli, La Femme Esclave \$100 Jean Grave, L'Intente pour l'action \$200 Eliézer Reclus, A mon Frere le Paysan \$200 Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs \$100 Charles Albert, Patrie, Guerre, Cosisme \$200 Eliézer Reclus, Evolution e Revolution \$200 Urbain Gohier, Aux Femmes \$100 E. Malatesta, Entre Paysans \$300 M. Nettián, La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière \$200 Maro Piorrot, Sur l'individuisme \$300 Louis Blanc, Quelques Verités Economiques \$100 André Girard et M. Piorrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière \$100 Pedro Kropotkine, Le Salarial \$100 La Morale \$200 Anarchie \$200 M. Piorrot, Travail et Surmenage \$200 Diderot, Extraits d'un philosophe avec la marche... \$100 Jean Grave, La Conquete des pouvoirs publics \$100 Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre... \$200

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância.

'A Velhice do Padre Eterno'

Temos novamente a venda, a 2\$000 o exemplar, este sempre empolante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

EM PORTUGUÊS

dade que trazia, ainda não observara a sua espantosa palidez. Recuou então três passos, descobriu-se, inclinou-se profundamente e disse: — Margarida... Minha amada... Queres ser minha mulher? — Que dizes!? exclamou ella, estremeecendo. — Digo: Minha adorada, queres conceder-me a tua querida mão?... Queres que o meu nome seja o teu?... Queres que nos unamos para sempre? — João! murmurou ella languidamente. De um salto correu a ella, amparou-a nos braços, ajustando com voz ardente: — Sim; nada te dizia, mas há um ano, desde a noite do nosso primeiro beijo, senti que era teu para sempre, e que nada nos poderia separar. Sou livre... Só minha tia poderia oppor-se á nossa união... Ella acaba enfim de consentir, e eu corro, venho, cheio de ventura, perguntar-te humildemente se queres ser minha mulher... Flor de Maio ouvia e mal comprehendia o sentido daquellas palavras. Como! Realizava-se o mitagal! Ella, a pobre forsitazinha, podia ser a esposa do Cavaleiro de La Barre... Oh! Serem um do outro para sempre! Transpor de um salto e abismo que o padre lhe mostrara e que a separava dele! Sentia-se penetrada de uma alegria inestavel, de uma felicidade inaudita, e só pôde murmurar: — João! Oh! meu adorado João! Como és bom e sadio de meu coração, tal qual te admirabei ao primeiro olhar... Este minuto parece-me um instante fugitivo de sonho... Um sonho esplendido e radiante que me eleva para fora da terra. (Continúa)

FOLHETIM DA LANTERNA (9)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte

AMOR!

V

O AMANTE

O padre empalideceu atrozmente, contraindo-lhe os lábios um treguido de riva e de sofrimento. De repente curvou-se para a joven, dizendo com voz ronca: — Pois não, tudo saberás... Se não me obedeceres morrerá o Cavaleiro de La Barre!...

Flor de Maio soltou um grito de angustia e desespero, um grito horrivel de terror. — Que dizes?... Que dizes? Por sua vez, agarrava ella nas mãos do padre e sacudia-as violentamente, como se quizesse arrancar logo o segredo da sua terrivel ameaça. — E' muito simples, disse elle triamente. O Cavaleiro de La Barre blasfemou o santo nome da Virgem... O Cavaleiro de La Barre mutilou uma imagem de Cristo!... O Cavaleiro de La Barre, hoje mesmo, ficou coberto á passagem do Santissimo Sacramento!... Só a morte pôde expiar tais atrevimentos...

— Desgraçada! Ah! Desgraçada! — gemeu ella, caindo de joelhos. O padre baixou-se e sacrosentou: — E que morte! Pensa no supplicio que vai sofrer!... Pensa nas suas carnes alvejadas, queimadas!... Pensa na sua cabeça caindo sob o machado do verdugo!

— Não me mateis! Não me separeis dele... Que vos fiz eu? Sou uma pobre rapariga... é verdade... mas não mereço tão abominavel tortura... Oh! eu hei de enternecer-vos... arrastar-me a vossos pés... Se souheis como desalago e morro logo dala!... Como a minha alma revive quando elle aparece!... Quereis que eu não o torne a ver... Mas que seria de mim?... E que seria dele... do meu João?... Ah! tenho a certeza... vós desajustais apenas acenar-me... Não é verdade?... E' isso, não é assim?...